

A CENA CONTEMPORÂNEA NA COSTURA DO INVISÍVEL

Maria Luedy Mendes



Nas aulas sobre a “cena contemporânea” que foram realizadas às segundas-feiras na Escola de Educação da Ufba pelos professores Cláudio Cajaíba, Gideon Rosa, Meram Vargas e Vera Motta, através do setor de pós-graduação em artes cênicas, ficaram perguntas e respostas para o vasto reino do espetáculo na sociedade do espetáculo. Alguns textos, falas e interesses pessoais conduziram minhas reflexões para compor e concluir este *Paper*, textos como o de Flávio Deglandres sobre a pedagogia do espectador, o livro o império do Efêmero de Lipowetsky, A costura do invisível de Jum Nakao, Os Sentidos da Moda de Renata Pitombo e Guy Debord com seu livro, A sociedade do espetáculo. A outra boa fonte de inspiração foi, em aula, os argumentos e incitações dos professores. Dentre muitas reflexões, garimpando, garimpando, o conceito que reverbera é o de “equivocidade”, apresentado pelo prof. Doutor Cláudio Cajaíba. Não quero dizer com isso que o texto caminhará sobre este conceito, pois para isso preciso de muito mais leituras, mas digo que se tornou uma palavra constante, abrindo campos de questionamentos até então mais restritos, condicionados, em minha mente, ao conceito de univocidade. Algumas palavras-chaves aparecerão ao longo do texto. Palavras como moda, vestuário, personagem, sociedade atual, espetáculo, arte contemporânea, recepção, papel, rasgos, desconstruções, espiritual. O que quero com isso é perceber e fazer perceber as relações que ficaram, evidentes, entre a sociedade do

espetáculo, artes visuais, teatro contemporâneo, cena contemporânea e a gestualidade signífica dos rasgados de vestes inspiradas no final do séc. XIX, feitas em papel vegetal, gerando um deslumbramento instantâneo e intenso no espectador, comprovado na apresentação do estilista Jum Nakao, para um público ávido por novos e repetidos modelitos, uma cena que, tirou a platéia de sua conformidade, de seus assentos, de seus velhos e condicionantes conceitos, através de um discurso performático e artístico. Para isso, situarei na história o aparecimento dos desfiles e sua função, em seguida descreverei o desfile de Jun Nakao no São Paulo Fashion Week em 2004 na íntegra, falarei sobre o papel e sua materialidade, como signo de uma trajetória que pode ser desmanchada em segundos, um outro material, talvez não fosse possível. Começaremos por aí... as expectativas ...e o espectador e um pouco de história para contextualizar.

O surgimento da moda

“A moda aparece no século em que a arte apresenta uma nítida tendência ao excesso decorativo, à proliferação do ornamento, à profusão dos caprichos das miniaturas na arquitetura flamejante, na exasperação da Ars Nova”, nas modulações elegantes das miniaturas gótica. É igualmente a era dos vestuários excêntricos que culminam na corte de Carlos VI e dos duques de Borgonha, com os trajes bipartidos vermelho e violeta ou azul e amarelo, os cabelos raspados nas têmporas e acima da testa, os chapelões em forma de crista de galo, as largas mangas até o chão. “Não nos enganemos: todas essas novidades com seus exageros ou excessos, não são senão uma manifestação entre tantas outras dessa necessidade de estetismo, desse culto da ornamentação e do espetáculo que caracterizou o final da idade média”. (Lipowetsky, pg.63)

Essa idéia de espetáculo, teatralidade e estetização da vida acompanha o percurso da moda no ocidente desde a era medieval e se transforma numa cena com data e hora marcada, com palco e platéia a partir da alta costura. Os primeiros desfiles começaram entre 1908 e 1910. Além disso, depois da guerra de 1914, cada grande casa apresenta, duas vezes por ano, no final de janeiro e no começo de agosto, suas criações de verão e inverno, em seguida sob a pressão dos compradores estrangeiros, as de outono e primavera. E assim, até alguns anos atrás, os desfiles mantiveram a função de ordenar o novo movimento, as novas vestes, de impor, mesmo que democraticamente, o que seria melhor vestir. No Brasil, a moda vem engatinhando, porém sem deixar a referência que Paris criou os desfiles. O que ocorre hoje de diferente e por isso levanta novos questionamentos é a aproximação desta “cena”, o desfile, com as novas linguagens nas

artes visuais e teatrais como a performance, a instalação e a arte efêmera que estão visíveis nos desfiles do Rio e São Paulo Fashion Week desde 2004. É deste fato que vamos tratar.

Estilistas brasileiros como Ronaldo Fraga, Lino Villaventura, Isabela Caititu, Jun Nakao entre outros, estão trazendo para o desfile aspectos da cena contemporânea presentes no teatro e nas artes visuais. Aspectos principalmente em relação à estética no campo visual e a relação com público, pelo discurso dramático que estão compondo estas cenas. O estilista Jun Nakao levou esta tendência ao topo. O foco escolhido para apresentar esta tendência, será o seu desfile, intitulado - A costura do Invisível. A escolha partiu do marco que este desfile provocou na história do desfile, ampliando os significados reinantes neste evento social e por se tratar de uma apresentação que mexeu com as estruturas normativas do desfile por propor quebras de paradigmas, reações inesperadas, equivocidade, desestruturando conceitos, provocando questionamentos, na busca de vestir, não o corpo para os meses seguintes, mas a alma de criatividade e de sonhos para a eternidade.

A Costura do Invisível – uma coleção de papel

Papel: lugar de esboço, das anotações e parte do processo criativo, matéria frágil, transitória e sensível à ação do tempo. Uma obra branca inacabada, vazia, apta a ser impregnada de significados, de poesia, da leveza necessária para a obra fluir, esse material foi escolhido pelo estilista para resgatar o uso preciso do vago, pois o que é subentendido torna o observador ao mesmo tempo cúmplice da intenção e sujeito da obra, estabelecendo a individuação da experiência transformadora do trabalho. Para o aspecto formal das roupas, Nakao, escolheu a estética do final do séc.XIX, por se tratar de uma época em que a moda era extremamente elaborada e preciosa, tanto nos volumes quanto nas texturas, estes valores foram para ele fundamentais para despertar no espectador um deslumbramento instantâneo e intenso. Para gerar o encantamento ele criou as fadinhas *playmobil*, esse elemento lúdico, tão presente na memória das pessoas, facilitando a projeção do espectador no trabalho, como num conto de fadas. O aspecto da reprodutibilidade em série dos bonecos – afinal, todos são exatamente iguais – permitiria ao espectador se identificar com qualquer modelo que estivesse desfilando.

Como num bosque onde não existem trilhas bem definidas, todos poderiam traçar seu próprio caminho, optando, a cada novo personagem por uma nova direção. Esses personagens seguiram a trajetória normal de qualquer desfile, como em qualquer outra época, desde o surgimento desta expressão proveniente do francês que significa marchar em filas, passar um após o outro. O momento de quebra com essas normas foi ao final quando todas as modelos entraram na passarela e pararam em vez de voltar em fila, como manda o costume, e então, rasgaram com toda a fúria expressionista as vestes de papel inspiradas no SÉC. XIX. Como quem pergunta: de que vale tudo isso, todo esse trabalho, o que é realmente importante, o que é real?

“Importa ser realista no sentido complexo: compreender a incerteza do real, saber que há algo possível ainda invisível no real” (Edgar Morim). Sim esse invisível encontrado no real foi o que certamente um público preparado para uma outra cena, outros desejos, tiveram a sorte de se deparar. O que Jum Nakao fez foi ultrapassar o sentido das vestes, da moda, do corpo. Ele, a meu ver, usou um momento, um público distinto pois ligado a moda, às tendências, ao consumismo e propôs outros desejos, quem sabe neste contexto de Séc.XXI onde experimentamos de tudo, consumimos tudo, a proposta não tenha sido, que tal alimentarmos o espírito? vestirmos a alma? As suposições ficam no reino das probabilidades, mas o fato é que a reação do público foi quase que unívoca. Todos saíram transformados, reflexivos, vivos.

“ A história avança não de modo frontal como um rio, mas por desvios que decorrem de inovações ou de criações internas, de acontecimentos e acontecimentos externos. As transformações internas começa a partir de criações inicialmente locais e quase microscópicas, efetua-se em meio inicialmente restrito a alguns indivíduos e surge como desvios em relação à normalidade. Se o desvio não for esmagado, pode em condições favoráveis, proporcionadas geralmente por crises, paralisar a regulação que o freava ou reprimia, para em seguida proliferar de modo epidêmico, desenvolver-se propagar-se, tornar-se tendência cada vez mais poderosa, produzindo a nova normalidade. Toda evolução é fruto do desvio bem sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu. Não há evolução que não seja desorganizador-reorganizadora em seu processo de transformação ou de metamorfose”. (Morim, p.39)

A costura do invisível e as linguagens teatrais e visuais contemporâneas

A característica talvez mais importante de toda a arte recente, mas que já era fundamental na arte de vanguarda é a refletividade. A obra não só reflete sobre si

mesma - é auto-referente, metalingüística em termos semióticos-, mas é reflexiva porque o prazer e a significação que dela derivam só podem ser encontrados na reflexão. (Favaretto, 1977, p.29)

Em vez de propor que o espectador feche a obra que se apresenta aberta, com uma elaboração responsiva, definindo significados para os signos propostos, o teatro contemporâneo pretende que a platéia participe , acrescentando significantes ao jogo da linguagem. Menos interessadas em formular a compreensão, o fechamento, a sintetização da obra, ou criar uma unidade para as partes, a contemporaneidade quer propor ao espectador que teça análises, elabore outros significantes, empreendendo assim uma atitude mais extremamente autoral. O artista está menos preocupado com o entendimento que a obra suscita no espectador do que com a provocação que lhe faz. Nas artes visuais não é diferente, apesar de partirmos de modus operandus diferente. Novas linguagens como as Instalações, as Land-Arts, Arte Efêmera onde a performance está inserida caminham nas mesmas bases. As artes sempre se encontram. Então esse estímulo à refletividade , provocando essa capacidade inventiva, ativando uma melhor performatividade, estimulando a imaginação, estão totalmente presentes na Costura do Invisível . O fato desta obra não ter sido apresentada num museu, galeria, teatro é talvez mais marcante, torna sua existência ainda mais reflexiva, mais vanguarda. Pois até então, vamos ao teatro em busca de uma linguagem teatral, vamos às galerias em busca de linguagens visuais, mas num desfile comercial, mercadológico, é surpreendente e verdadeiramente novo. É interessante marcar que a partir deste evento Jun Nakao foi convidado para apresentar sua obra na Galeria Vermelho, uma coletiva sobre a relação entre arte e mercado. Estes desdobramentos por si só são fatos que comprovam como este evento ampliou possibilidades, tocou as pessoas, precisou ser repetido, registrado.

Conclusão

Quando Marcel Duchamps retirou do seu banheiro o bidê e colocou num museu, em plena arte POP, queria dizer ,como um objeto, qualquer, mesmo que feito por máquinas, poderia ser conceituado como um objeto artístico, na verdade ele estava questionando o conceito de arte e levando o espectador junto com ele, nasce aí o espectador ativo, reflexivo. Jun nakao inverteu, levou para um espaço de consumo capitalista a obra de arte,o teatro, a performance o preciosismo na arte das roupas de papel. As reflexões provavelmente são outras, enquanto na POP arte o objeto reflexivo era a conscientização de que uma nova era industrial e um consumismo estavam chegando, e era muito bom! A costura do Invisível , quem sabe, inaugura a consciência de que há algo além do real de que há algo no zero e podemos descobrir o mundo quando vemos através dele . O estranhamento de uma situação propõe o despertar de uma percepção adormecida. Acredito que este evento mostrou mais uma vez o quanto a arte é necessária. O teatro, as artes visuais, a dança, a música. Este inesperado de usufruir a arte em locais não prováveis seja realmente uma forma atual de aproximação da arte com o público. O que nos leva a uma outra reflexão dos problemas latentes da arte contemporânea : A obra e o público. Os espaços de fruição x era do computador, zappings, mídia.

Bibliografia

- DEBORD,Guy . *La Societé du Spetacle*. 3ed.Paris: Édition gallimard,1922.
- DESGRANDES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*, Ed.Hucitec, São Paulo,2003.
- LAVAR,Jamesm. *A Roupa e a Moda: uma história concisa*. Trad. Glória Mello de Carvalho. São Paulo: companhia das Letras,1989.
- LIPOVETSKY,Jules. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Trad. Maria Lúcia Machado. São paulo: companhia das Letras,1989.

MAFFESOLI, Michel. *Mediações simbólicas: a imagem como vínculo Social*. Revista Famecos. Porto Alegre, N°5,1998,p.7

MORIN,Edgar. *A Cultura de Massa no Séc. XXI: o espírito do tempo*.7^a ed. Vol I: Neurose.RJ: Florense-universitária,1987.

NAKAO, Jun – *A costura do Invisível*.São Paulo: ed. Senac São Paulo,2005

PAVIS, Patrice. *A análise dos Espetáculos*, Ed. Perspectiva,são paulo,2003.

PALLOTINI, Renata. *A Construção do Personagem*, Ed.Ática, São Paulo,2002.

PITOMBO, Renata. *Os Sentidos da Moda : vestuário,comunicação e cultura*,1^aed. São Paulo, Annablume, 2005